

ESPLANADA

Ao tomar medidas contra a crise, presidente ouve os economistas Delfim, Belluzzo e Luciano Coutinho, mas só age depois de consultar Mantega e Meirelles

Eles falam, Lula escuta

GUSTAVO KRIEGER
DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva ouve muita gente sobre a crise econômica, mas na hora de tomar decisões, resume-se a dois nomes: o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. Ele costuma se reunir a portas fechadas com os dois. Nem mesmo a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, participa das conversas decisivas. Segundo assessores próximos de Lula, o presidente funciona como um árbitro nas divergências entre Mantega e Meirelles. Mas ainda não foi bem-sucedido no esforço para convencer o presidente do BC a baixar as taxas de juros.

“O presidente tem dois tipos de interlocutores sobre a crise”, diz um ministro. “Há os que dão conselhos e os que tomam decisões”. No primeiro grupo estão auxiliares como Dilma e os ministros da Comunicação Social, Franklin Martins, do Planejamento, Paulo Bernardo, e da Justiça, Tarso Genro.

Além disso, a economia tornou-se pauta obrigatória em todas as reuniões do conselho político, que reúne ministros, líderes governistas no Congresso e presidentes de partidos aliados. Mas, nesse caso, são conversas de caráter geral, mais para unificar o discurso político do que para definir rumos.

Três economistas têm acesso privilegiado aos ouvidos do presidente. O ex-ministro e ex-deputado Delfim Netto é um deles. Luiz Gonzaga Belluzzo e o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, completam o grupo. São conversas exploratórias, nas quais o presidente sonda os economistas sobre os possíveis cenários para 2009. Obviamente, nesses encontros ele ouve opiniões divergentes. “O presidente recolhe essas posições e vai amadurecendo a própria opinião. Quando chega a hora, ele se manifesta.”

Por enquanto, o tom majoritário da avaliação do governo é o otimismo. O consenso é de que o Brasil está mais preparado para enfrentar a crise que outros países. Na linha de tempo traçada pelo governo, o período mais crítico vai até o fim do primeiro semestre de 2009. Depois disso, é esperada a retomada do crescimento. Os ministros também prevêem a estabilização e depois a queda na cotação do dólar para os próximos meses. Segundo um ministro, “o importante é a percepção de que a crise não se originou no Brasil. Portanto, o governo não tem como acabar com ela. O que o Brasil precisa fazer é passar pelo pior momento e esperar a estabilização da economia mundial”.

Juros

Mas Lula não é a última palavra em economia. Ao menos no que se refere à política de juros, um dos pontos mais sensíveis da crise. A cada reunião com a equipe econômica, o presidente pressiona Henrique Meirelles a reduzir as taxas. Até aqui, nada aconteceu. Há uma grande expectativa no governo em relação à próxima reunião do Conselho de Política Monetária (Copom), nos próximos dias 9 e 10. Segundo um auxiliar de Lula, baixar os juros significaria uma aposta na recuperação da economia. E ainda ajudaria no equilíbrio fiscal. A posição tem a torcida do presidente e de todo o governo. Falta saber se ela seduz o presidente do BC.



MANTEGA (E) E MEIRELLES: NO COMANDO DAS MEDIDAS ANTICRISE, MAS DIVERGENTES QUANTO À POLÍTICA DE JUROS